ANO 1.º — LISBOA — QUINTA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 1921 — N.º 145.

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Officinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

A INFORMAÇÃO que publicámos há dias afirmando estar a Companhia Carris de Ferro disposta a dissolver-se, abandonando o monopolio da viação electrica, deve ser dentro de curto tempo um facto, no caso da edilidade manter a atitude de recusa ás suas exageradas pretensões.

Ainda ultimamente, durante um almôço realizado num dos principais hoteis de Lisboa, no qual tomaram parte elementos categorizados da colonia britanica, o assunto foi largamente debatido.

* * *

NÃO sabemos se o sr. ministro das Finanças anda empenhado já na realização de qualquer operação de crédito, se bem que tenhamos por quasi infundadas as noticias que a tal respeito vêm circulando.

Consta-nos, porêm, que o sr. Vicente Ferreira se ocupa no estudo paciente dos grandes rendimentos do Estado, quer onerados, quer não, a fim de se orientar bem da natureza e importancia dos seus recursos e da margem que eles lhe concedem para se dirigir, com pleno conhecimento de causa, tanto á finança nacional como á internacional.

* * *

FOI já posta á venda o «fac-simile» da primeira edição dos «Lusiadas» de 1572, n.º 1 da série projectada pela Biblioteca Nacional. Este trabalho honra o sr. Jaime Cortezão e os seus estimaveis colaboradores. O notavel professor, que é o dr. José Maria Rodrigues, acompanha a obra do poeta de um prefacio e de um aparato critico em que revela toda a sua larga sciencia de filologo, de investigador e de critico.

* * *

EM virtude do temporal, encontram-se avariadas cerca de 2.000 linhas telefonicas.

* * *

ESTA' o sr. governador civil no proposito de impôr aos hoteis e restaurantes do distrito de Lisboa moderação nos preços de «diaria» e de «lista». A intenção, que merece aplausos incondicionais, não merece menos um reparo justo de descrença na parte que diz respeito aos estabelecimentos do genero que vendem comida por «meias doses». O sr. Lelo Portela pode fixar o preço dos «pratos». O que resulta dessa medida? A meia dose passa a ser quarto de dose e o freguês que não quizer fazer curso para tuberculoso ver-se-há obrigado a «pedir para dois», pagando mais do que presentemente «mandando vir para um».

E' possivel que as medidas do sr. governador civil sejam muito mais eficazes do que nós pensamos. Mas como tambem é possivel que a emenda fique peor do que o soneto, o sr. Lelo Portela, para contentamento dos estomagos dos cidadãos, já tão torturados, deve estudar bem o assunto e experimentá-lo particularmente muitas vezes antes de o pôr em prática.

* * *

O SR. Alves da Veiga, ministro plenipotenciario da Republica Portuguesa em Bruxelas, honrou hoje o «Diario de Lisboa» com a sua visita.

MISSÕES RELIGIOSAS

O sr. Borges Grainha, a fim de bem servir as suas convicções em materia de liberdade religiosa, não se cança de encaminhar para as nossas colonias os missionarios protestantes cuja acção ele reputa mais civilisadora que a dos missionarios catolicos, porque não praticam o celibato.

Esta mania do sr. Grainha, que é um pensador laico e solteiro, de só reputar benefica a obra dos padres casados, prova que mesmo nas cabeças em que o raciocinio não vive só da pesca de minhocas, cabem ás vezes ideias com tromba de elefante.

Parecia que a sua unica preocupação devia ser que as nossas colonias se distinguissem, sobretudo, pelo seu nivel de civilisação, de maneira a constituirem uma honra e um proveito tanto para nós como para os naturais.

Os portugueses nunca viram no protestantismo nem um simples interesse de imaginação—elés que são tão inclinados a apaixonar-se pelas coisas que a sua fantasia lhes apresenta como belas, embora, na realidade, o não sejam.

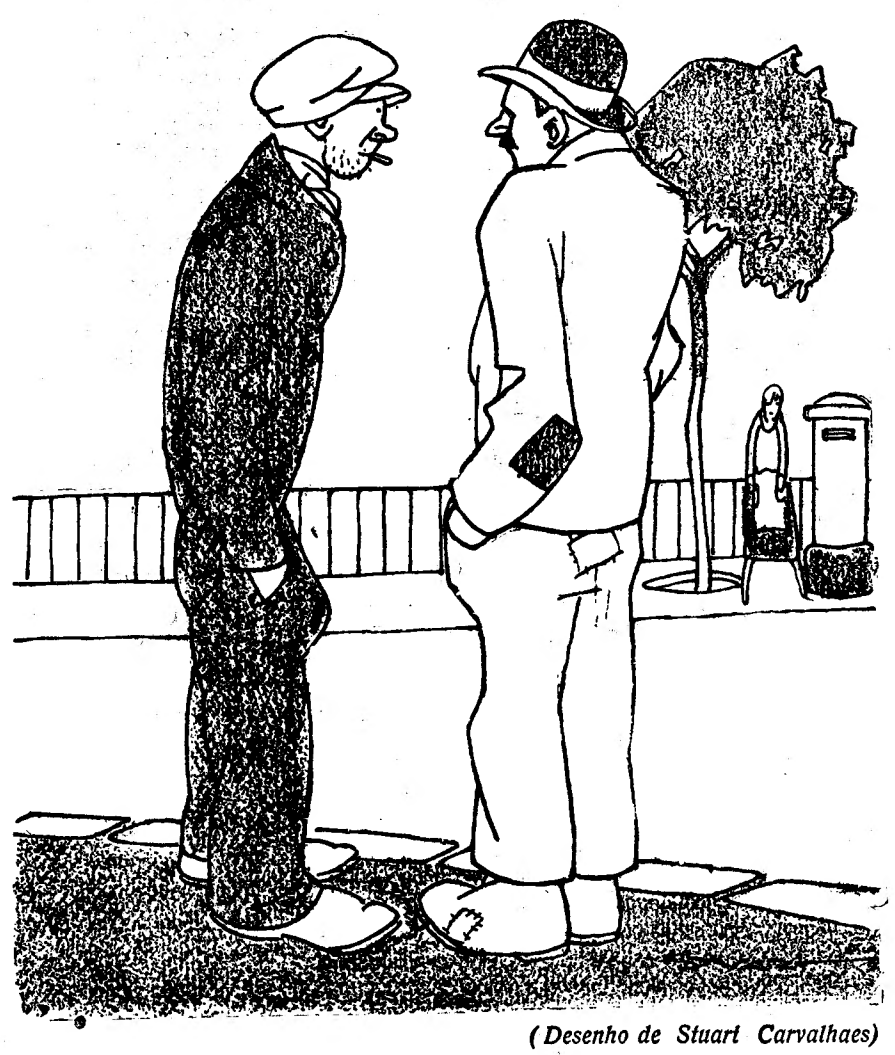
Talvez o sr. Borges Grainha julgue que foi o simples medo da Inquisição que impediu que a Reforma se estabelecesse, entre nós. Razões mais fortes lhe travaram a entrada, bem como nos outros povos latinos e tambem nos slavos. Um estudioso infatigavel como é o director do museu das Congregações, sabe como nós as razões etnicas, sociais, morais e culturais que se opuseram a um pseudo-movimento de libertação que, no fundo, era triste e sombrio como os sonhos que a cerveja inspira e a filologia.

Portugal ficou catolico, porque o catolicismo era a expressão perfeita da sua alma religiosa. Hoje mesmo, apesar das graves demolições e blasfemias do nosso seculo e da nossa Republica, esta religião tão nossa e tão humana, porque sem ela Portugal e o mundo não teriam encontrado os roteiros das suas mais altas certezas e intuições, continua vivendo intangivel na consciencia e nos actos da maioria dos portugueses.

As nossas colonias devêm refletir o ser moral da metropole. A influencia desta, embora respeitando e conservando o caracter e dados costumes e instituições dos indigenas, tem de exercer-se num amplo trabalho de civilisação, *more lusitanico*.

Porque teima, portanto, o sr. Grainha em introduzir lá um elemento de propaganda que não se harmoniza com o nosso feitio, com as nossas tradições nem com as nossas crenças num porvir melhor?

LIVRE-PENSAMENTO



(Desenho de Stuart Carvalhaes)

— Ouve lá, tu crês em Deus?
— Eu?! Deus me livre!...

O SR. dr. Antonio Portas, deputado natural de Guimarães, conferenciou hoje com o sr. ministro da Instrução, ácerca da cedencia da Casa do Cabido, daquela cidade, á Caixa Geral de Depósitos.

Pretende o sr. Portas que o edificio seja entregue á guarda da Sociedade Martins Sarmento, a fim de nele continuar a ter guarida o conhecido tesouro da Oliveira, assim como a livraria da extinta colegiada. O sr. dr. Antonio Portas firma grandes esperanças na forma como o sr. Ginestal Machado vai procurar resolver a questão.

* * *

OS MERCADOS estrangeiros de cereais, segundo informações que obtivemos, procuram, desde já, fazer venda dos seus vastos «stocks», em virtude de estarem quasi recolhidas as novas colheitas e os grandes comerciantes desejarem prevenir-se contra as irregulares variações de preço que acompanham, em toda a parte, as precipitadas variações cambiais.

Não seria mau que o governo aproveitasse esta maré de favor, para adquirir os trigos de que venha a necessitar, libertando-se assim do seu velho habito de comprar aos poucos, constrangido por terriveis necessidades, mas sempre em condições desastrosas.

* * *

A POLICIA persegue a gente honrada que se sacrifica para provocar a ambicionada baixa do custo da vida.

Ainda ontem prendeu um «iluminado» pelo crime de andor vendendo bilhetes e cautelas da loteria nacional por preço inferior ao dos cambistas. Quando surge um homem de sentimentos no mar encapelado desta sociedade eivada de vicios, as autoridades atiram-no sem cerimonia para a desventura dum calabouço.

E' certo que ao homensinho preso foi encontrado num dos bolsos, um molho de chaves proprias para abrir portas onduladas. Desse achado inferiu a policia que o bemfeitor roubára os vigesimos e as cautelas em casas de lotarias.

E' um delito que o criminoso não devia praticar.

Mas tambem é certo que os cambistas vendendo jogo com agio fabuloso, são tão criminosos como o desgraçado que andava a provocar a Baixa...

* * *

AS TROVOADAS, nesta Lisboa que só três meses no ano é servida com doses diminutas de sol, estão-se a tornar quasi tão frequentes como as crises ministeriais. Simplesmente, emquanto estas não ultrapassam os dominios da baixa comedia, aquelas, como recentemente se verificou, por vezes vêm acompanhadas da sua pontinha de tragedia. Quem sabe se, á falta de revoluções em efectivação — isto porque as revoluções em anuncio não escasseiam — Deus se resolveu a compensar-nos, ofertando-nos as trovoadas que nesse caso estariam para aquelas como o pechelim para o bacalhau...

* * *

ÁS dezoito horas continuam no gabinete do escrivão Vidal da Boa Hora, os banqueiros acusados de comparticipação no caso dos cincoenta milhões.

O DESPERTAR DO ORIENTE

O MOVIMENTO NACIONALISTA INDIANO

ALGUNS MILHÕES DE ALMAS ACHAM-SE EMPENHADOS NUMA LUTA EPICA PELA LIBERDADE DA SUA PATRIA — MAHTMÁ GHANDI, O PROFETA DO NACIONALISMO — A SUA FILOSOFIA TOLSTOIANA

O nosso triunfo constituirá a historia da força da alma sobre a alma da força. A nosa luta é uma luta puramente espiritual!...

MAHATMA' GHANDI

«Eu creio que ninguem contestará, que as Nações têm uma alma que quando em quando se manifesta nos seus grandes homens. A India desde o começo da sua historia, tem fielmente conservado até hoje o culto da bondade, da caridade e da serenidade. (Prof. Sywain Levi, lente do sanskrito na Universidade de Sorbonne).

«Não é blasfemia comparar Ghandic om Cristo».

COLONEL L. WEDGEWOOD

Ruge com lentidão uma tempestade pelas terras gangeticas. Um mundo le 320 milhões de almas acha-se empenhado numa luta epica pela liberdade da sua Patria. O que se passa pelas maravilhosas terras dos Rajahs que aos portugueses coube a gloria de revlar ao mundo, dificil se torna dizer em virtude da origem suspeita dos telegramas.

No entretanto podemos afirmar que muito em breve há-de surgir no concerto das nações, uma nação nova, decidida a trabalhar pela paz e contribuir com o seu esforço para uma humanidade melhor.

O movimento nacionalista indiano caracterisa-se pela não-cooperação e pela não violencia. Ele é chefiado pelo patriota eminente Mahatmá Ghandi, o «grande genio moral» no dizer de C. F. Andrenos distinto publicista inglez.

Ghandi nem é fanatico, nem é fakir. E' somente um ardente e sincero patriota! Homem inteligentissimo e culto, profundo filosofo e reformador social, conseguiu reunir em volta de si uma nação retalhada por centenares de agrupamentos sociais distintos, e debilitada pelos odios religiosos.

Na formação do seu doutrinarismo filosofico e social há duas grandes influencias como ele proprio confessa: a de Cristo cuja vida e moral ele professa literalmente e a de Tolstoi cuja filosofia, o orientou na organisação da luta pela libertação da India. Sob o ponto de vista religioso, Ghandi é um hinduista, ou melhor sequaz do hinduismo que foi fundado pelo Sankarachaga no VIII seculo da nossa era. A influencia vedantica na constituição da sua filosofia é bastante grande. A sua doutrina porém não o é. Sob este ponto de vista ele é neo-budista.

O hinduismo é a renascença do Buduismo modelado na consciencia indiana.

Ghandi é hinduista por ser nacionalista. A sua doutrina e politica social é toda inspirada em Tolstoi.

Advogado distintissimo, entre os mais distintos, ganhou uma colossal fortuna na Africa do Sul, fortuna que ele distribuiu pelas castas inferiores no começo da sua campanha pelo nivelamento das castas e libertação de todos os pobres e oprimidos em geral!... Na imprensa inglesa (e eu possuo aqui algumas revistas para quem as quizer ler) tem-se frequentes vezes declarado que na historia não existe figura a que se possa comparar Ghandi, senão Cristo. Ghandi é um genio de acção e isto aproxima-o do Cristo e afasta-o de Budha. E' necessario na realidade ler-se um genio organisador extraordinario para agrupar um mundo todo dissolvido por odios de raças e castas.

Se todas as raças, castas, e seitas não reconhecessem em Ghandi um homem superior ele teria conseguido impôr-se simplesmente á facção da sua raça e religião!... E' o prestigio moral da Ghandi, que consegue juntar toda a India. Ele é um politico e um diplomata de finissimo tacto; de contrario não conseguiria realisar o seu ideal. Na Africa do Sul, Ghandi notabilisara-se pelos seus serviços humanitarios onde a expensas suas criou o «Tolstoystarm» para a educação e desenvolvimento dos negros. «Ahi nota, C. F. Andrevos, eram acolhidos com carinho jovens negros convertidos ao cristianismo que não tinham com certeza acesso ás igrejas cristãs de Johannesburgo»... E note-se que Gandhi é um hinduista, um pagão!...

O governo britanico, como prova de reconhecimento pelos seus serviços humanitarios condecorou-o com a medalha «Kaiser-i-Hind».

Nas guerras dos zulus e do Transwal, aquele grande patriota indiano prestou aos ingleses tão relevantes serviços que o governo da S. M. B. condecorou-o com muitas medalhas e conferiu-lhe varios titulos honorificos que ele, juntamente com Tagore e outros eminentes indianos devolveram ao Vice-Rei, antes de encetarem a luta pela libertação da sua Patria.

Alma essencialmente bondosa e caritativa, ele de fórma alguma podia dar o seu assentimento ao emprego dos meios violentos, que só odios geram e que dariam apenas pretexto para os ingleses fazerem um largo uso dos seus mortiferos engenhos de guerra. A tudo isto é preciso acrescentar que a India não tem canhões nem armas, para poder fazer valer os seus direitos á moda da Irlanda, e que se os tivesse, ela não se serviria deles, por eles serem condenados pela filosofia do Amor e pelo modo de ser sereno e pacifico dos indianos.

Era preciso portanto libertar a Patria, servindo-se de meios ao alcance de todos e que não provocassem o derramamento de sangue. Esses meios acham-se sintetisados no principio de *não-cooperação*. «Nenhum povo dominado, proclamou Gandhi, deve cooperar com o dominador para ele manter a seu dominio, seja qual fôr o pretexto». A India ouviu-o!...

Convencido como estava ao principio, de que a India podia ser feliz sob o dominio britanico, ele prestou ao governo da S. M. B. os mais dedicados e abnegados serviços. A matança de Amritsar porém, veiu convence-lo de que a felicidade da India só dependia dos indios. Rebentou a grande guerra, a India acorreu com o melhor de 1.200.000 dos seus filhos para a defeza do imperio. Numa mensagem aos povos da India, Jorge V declarava que a «nunca desmentida lealdade dos povos da India acabava de dar uma prova inequivoca e que a Inglaterra saberia corresponder dignamente a esse testemunho de leal dedicação».

Findou a guerra; a India formulou, como os restantes povos do Imperio as suas reclamações. Em Amritsar reune-se um «meeting» para protestar contra a carestia da vida. A autoridade não proibe o «meeting».

O general Dyer marcha á frente dum batalhão para o local do comicio. Valentine Chirol, um dos mais brilhantes redactores do *Times*, vai narrar o resto:

«Eu coloquei-me no mesmo local alto da praça, donde ele (Dyer) sem uma palavra de aviso previo rompeu fogo sobre uma densa aglomeração, a uma distancia de 100 jardas, e que cercava um estrado de onde os oradores deviam falar. A multidão era computada em perto de 10.000 almas ou mais, completamente inerme e indefesa. Aterrorisada, ela dissolveu-se imediatamente, mas por um espaço de 10 minutos a fuzilaria manteve-se ininterrupta sobre aquela massa aflita da humanidade apanhada na ratoeira como ratos. A gente esforçava-se debalde por fugir pelas estreitas saidas que a praça tinha, ou então deitava-se estendida no chão, para evitar a chuva da metralha que ele pessoalmente mandava dirigir para os lugares onde a multidão era mais compacta. A fuzilaria só parou exgotadas as munições».

Ahi fica a descrição da horrivel tragedia feita por uma pena bem inglesa. Ahi fica descrita a paga que a India obteve por ter derramado heroicamente o seu sangue nos campos de Flandros, Mesopotamia e Africa do Sul!... Este acto de inaudita brutalidade mereceu severos reparos a quasi toda a imprensa ingleza, e principalmente aos homens de envergadura mental de George Wells, coronel Dedgewood, Montagl, Lord Curzon, C. F. Andreros, etc. Oh! quanta tinta não se teria gasto se o acto do general Dyer fosse praticado por um oficial indu?! Quantas frases feitas sobre a *crueldade oriental* e outras quejandas de exportação anglo-americana não se teriam desfechado na imprensa?!

E' que aos ingleses é licito praticar todas as atrocidades na India e no Egypto, aos americanos, é licito tambem linchar os negros conquanto o façam em nome da *civilisação!...* Não são estes os mesmos *humanitarios* ingleses que de quando em quando levantam campanhas contra nós a proposito de pretensa escravidão em S. Tomé?

Querem saber como foi castigado o general Dyer? Foi condenado a grande pena *de nunca mais poder servir no exercito da India.*

Ficou assim aos olhos do John Bull reparado o vexame sangrento que a India sofreu com a perda de 3.000 dos seus filhos!... Querem cinismo maior?!...

Não era pois possivel depois de um acto destes, a nenhum indio que se prezasse de se-lo continuar fiel ao governo de S. M. Britanica. Essa fidelidade representava nada menos uma traição á patria, e uma afronta á memoria dos que inocentemente caíram varados de balas nas ruas de Amritsar. O caminho estava traçado. O imperialismo britanico déra mais uma prova do seu antagonismo com os interesses da India. Surgiu então nitida, mais nitida do que nunca a ideia duma Patria comum no meio de todas as raças, que sentiam ligadas por um interesse e um destino comuns. Faltava só um homem que pelo seu passado constituisse uma garantia de encarnar dignamente no futuro a ideia, que de novo raiava banhada em sangue dos inocentes. Esse homem surgiu. Chama-se Mahtmá Gandhi. Ele será o redentor duma raça. Será o libertador duma patria. Possuindo como possue, a alma humanitaria dum santo, e a fé com que se removem as montanhas, a vitoria final não pode deixar de lhe pertencer.

ANTONIO DE MIRANDA

MAGAZINE

Proverbios dos pretos

O congresso da raça negra atraiu sobre os homens de côr a notoriedade. Toda a imprensa mundial se ocupa deles, das suas reivindicações e do grau de capacidade de civilização que reside no seu cerebro.

Aqui estão alguns ditados correntes entre povos da raça negra, atestando não lhes faltar um certo sentido de observação:

«Só os nossos é que nos traem».

«As mulheres serão capazes de inventar noventa e nove mentiras, mas á centesima trair-se-hão».

«O ladrão é aquele que é agarrado».

«O sorriso chama o sorriso».

«O silencio é a salvação».

Quais dos quarenta?

A Academia Americana de Arte e Letras convidou a Academia Francesa a fazer-se representar nas festas em honra de Molière, do qual esta disse que «il manque à la gloire». Com efeito Molière não pertenceu á Academia Francesa...

A America pede, ao menos, dois representantes.

Um deles será forçosamente um autor dramatico. Há na Academia nove imortais pertencentes a esta classe, que são, por antiguidade: Bomget, Ladan, Donnay, Richepin, Brieux, Prévost, Capus, de Curel e de Flers.

Comquanto seja o mais novo, de Flers é o presidente da Sociedade dos Autores Dramaticos. Diz-se que será ele um dos designados...

Condenados ou herois

Na terrivel catastrofe dos Echets pereceram varios condenados pela justiça militar, que seguiam para Marselha, a fim de embarcarem para Africa.

Os oficiais que os vigiavam, ao dar-se o desastre, tiraram as algemas aos que escaparam para que pudessem ajudar a salvação. A partir desse instante os condenados entregaram-se ao salvamento das vitimas, preocupados apenas com o sofrimento dos outros, esquecidos do perigo que corriam.

A opinião publica reclama o perdão para aqueles entes, *perigos da sociedade*, e supõe-se mesmo que o ministro da Guerra já o concedeu.

E' uma psicologia extraordinaria a destes homens que ligam o maior despreso da moral ao maior despreso do perigo. Se se pudesse engrandecer este de forma a aniquilar aquele!...

Conta um tenente que, tendo sido escolhido na guerra para conquistar uma posição dificil, quasi impossivel de deitar abaixo, recebera ordem de avançar fosse porque preço fosse. Voltou vencedor.

— Não foi dificil, disse ele. Levava liões atraz de mim.

A companhia dele era uma companhia de disciplina em que todos tinham contas com a policia. Dizia este oficial que passou momentos de embaraço terrivel, pelos casos que sucediam com estes homens, os mais heroicos, os mais atrevidos, mas tambem os mais indisciplinados.

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS
RUA AUGUSTA, 116
LISBOA
COFRES DE ALUGUER
(Casa FICHET, Paris)
Em casa forte, construida pelos processos mais modernos e com todas as garantias de segurança

UMA GLORIA PORTUGUESA

O PINTOR VASCO FERNANDES

(O GRÃO VASCO)

TESE APRESENTADA AO CONGRESSO LUSO-ESPANHOL, QUE REUNIU NO PORTO, EM JUNHO DESTE ANO, PELO ILUSTRE DIRECTOR DO MUSEU GRÃO VASCO, DE VISEU, SR. ALMEIDA MOREIRA

Minhas senhoras,
Meus senhores,
Sr. Presidente:

Antes de iniciar a minha singela tése, cumpro o gratissimo dever de saudar o Congresso Luso-Espanhol, prestando-lhe as homenagens de todo o meu respeito e de toda a minha admiração.

Sr. Presidente:

Há justamente três meses que tive a honra de receber e de saudar na Camara Municipal de Viseu a missão espanhola, formada de estudantes e professores da Faculdade de Letras da Universidade de Madrid, que em viagem de estudo aos monumentos e museus de Portugal, visitou o nosso país sob a alta direcção do ex.mo sr. D. Elias Tormo, catedrático de História de Arte da mesma Faculdade, vice presidente do Senado espanhol e notabilissimo critico de arte, a quem os assuntos de arte portuguesa têm merecido especial atenção.

Nessa minha saudação eu, desvanecidamente, afirmei que aquela viagem a Portugal, aquela embaixada de amor, como tão carinhosamente lhe chamou D. Elias Tormo, ficaria assinalada pelo facto notavel de ser o inicio de um mais intenso e proficuo intercambio intelectual e artistico entre os dois paises vizinhos e amigos, fazendo os mais ardentes votos pelo estreitamento das relações intelectuais e artisticas entre Portugal e a gloriosa pátria espanhola.

Este congresso por uma forma ainda mais notavel, se assim me posso exprimir, é a continuação brilhante da visita de estudo dirigida por D. Elias Tormo. Este congresso, aliás já resolvido e preparado de há muito, é a confirmação dos meus votos. Rejubilo por isso. A todos os congressistas, pois, espanhois e portugueses, as minhas sinceras saudações; e, a V. Ex.ª, minha senhora, que nos dá a alta honra de presidir aos nossos trabalhos, aos trabalhos da 6.ª secção, eu peço licença para lhe apresentar as mais rendidas e sinceras homenagens de todo o meu respeito e da minha maior admiração (1).

Sr. Presidente,
Meus senhores!

Ao ser convidado pelo meu querido amigo e ilustre homem de sciencia sr. dr. Antonio Mendes Correia a apresentar uma comunicação a êste douto congresso, devo confessar que hesitei. O que vinha um homem como eu, só dado a coisas de arte, fazer a um congresso de sciencias? Mas a verdade é que as artes se ligam intimamente ás sciencias. E, para mais, o assunto da minha comunicação — «O pintor Vasco Fernandes» — O Grão Vasco — tem o interêsse devido a um dos mais notaveis pintores primitivos portugueses da primeira metade do seculo XVI, que ocupa um lugar de destaque na história da arte em Portugal, com tão intimas relações com a história da arte de Espanha.

Ao periodo aureo da arte em Portugal nos dois ultimos terços do seculo XV e na primeira metade do seculo XVI sucede-se o periodo aureo da pintura em Espanha no seculo XVII.

Mas falemos de Vasco Fernandes — O Grão Vasco. — A confusão e até a duvida que se chegou a estabelecer em volta dêste nome, considerando-o como um mito, como o classificou Rakzinski, ou como uma figura lendaria, como o classificou, ainda não há muitos anos, o falecido e conceituado professor João Antonio Correia, que foi director da Academia de Belas Artes do Porto, — foi devida ao facto de no fim do seculo XVII e no primeiro terço do seculo XVIII se começar a atribuir de uma maneira geral a Grão Vasco todos os quadros primitivos portugueses do começo do seculo XVI, incluindo-se até nessa mesma designação os quadros vindos de Flandres, nos reinados de D. Manuel e de D. João III. Guarienti, italiano e director da galeria de Dresde, que esteve em Portugal de 1733 a 1736, concorreu muito para essa classificação. Na época da sua estada no nosso país o gôsto pelas colecções de arte era geral, sobretudo, entre as familias nobres que recebiam então uma educação literaria muito cuidada, não sendo, porêm, de estranhar que, apesar disso, o seu gôsto não igualasse os seus conhecimentos de arte.

Entregavam-se nas mãos de Guarienti que limpava e restaurava, se é que não estragava, os quadros não só das colecções particulares, mas tambem os das igrejas, classificando-os como «Grão Vasco», admitindo que o pintor que gosava do qualificativo de «grande» devia ser, justificadamente, o autor de tanta obra prima. Esta opinião era geralmente e facilmente aceita pelos proprietarios dos quadros que não sabiam a quem atribuilos, espalhando-se com tanta mais rapidez quanto é certo que o numero dos quadros primitivos, de que se não conheciam os autores, era consideravel.

Primeiro, o conde polaco Rakzinski, nas suas cartas dirigidas á Academia de Berlim, de 1843 a 1845, e mais tarde, Justi, reduziram a vasta obra atribuida a Grão Vasco a mais justas e razoaveis proporções. Com efeito, seria preciso que Grão Vasco tivesse vivido mais de 150 anos e que fosse um Proteu, cuja maneira muda dez vezes, como diz Bertaux, para que pudesse ser o autor de uma tão grande série de quadros primitivos, como a que existe ainda hoje em Portugal, nomeadamente em Evora, Beja, Setubal, Lisboa, Tomar, Coimbra, Viseu, S. João de Tarouca, Lamego e Porto.

Presentemente, devido aos trabalhos notabilissimos de investigação artistica do ilustre director do Museu Nacional de Arte Antiga, sr. dr. José de Figueiredo, a quem muito me apraz prestar aqui neste lugar as homenagens da minha admiração, acentuando que é uma glória para esta nobre cidade do Porto contá-lo entre os seus filhos, — e ainda aos trabalhos de restauração do ilustre professor da Escola de Belas Artes de Lisboa e director do Museu dos Coches, sr. Luciano Freire, muitos dêsses quadros da série atribuida a Grão Vasco têm sido identificados.

E assim a série de catorze quadros que formavam o retabulo do altar-mór da catedral de Viseu, hoje encorporados no Museu de Grão Vasco, da mesma cidade, — alguns dos quadros existentes no Museu de Arte Antiga e ainda quatro quadros adquiridos recentemente a um particular nesta cidade do Porto pelo ilustre homem de arte sr. José Relvas, e que o professor Luciano Freire, proficientemente restaurou, são, indubitavelmente, de Jorge Afonso, que teve a sua oficina em Lisboa, no principio do seculo XVI e aonde trabalhou Vasco Fernandes; — os da charola da igreja do Convento de Cristo de Tomar estão identificados como sendo de Gregorio Lopes, pintor da mesma época; — alguns de Coimbra e de Lisboa, existentes nos museus destas duas cidades, estão identificados como sendo de Cristovão de Figueiredo, que foi um dos mais notaveis pintores de Lisboa, no tempo de D. Manuel e de D. João III, tendo sido pintor do cardeal infante D. Afonso. (Aqui mesmo, no Museu Municipal do Porto, existe um quadro primitivo, pintado em madeira, que durante muito tempo foi atribuido a Grão Vasco. Representa a Santissima Trindade. E, no entanto, depois de restaurado pelo eminente professor, sr. Luciano Freire, a quem já me referi, foi identificado como sendo de Cristovão de Figueiredo): o poliptico da Virgem do mosteiro de S. João de Tarouca foi identificado como sendo de Gaspar Vaz, que era criado de Jorge Afonso e que, trabalhando com êle na sua oficina, veiu depois para Viseu; — e outros mais.

Assim se mostra que a actividade artistica que se atribuia falsamente a um só individuo, pertence a muitos artistas portugueses, resultando, evidentemente, dêste facto uma glória muito maior para o nosso país. A obra de Vasco Fernandes ou de Grão Vasco, sem que isso a desvalorize, fica reduzida aos cinco grandes quadros que representam «S. Pedro», «O Baptismo de Cristo», «S. Sebastião», «Pentecostes» e «O Calvario», todos primitivamente pintados para os altares das capelas da Catedral de Viseu.

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras — Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Mais tarde, nos principios do seculo XVIII, foram substituidos pela talha dourada, sendo retirados para a sacristia, com excepção do quadro «O Calvario», que ficou sempre na capela dos claustros, chamada «de Jesus», até que, no ano de 1918, passaram todos para o Museu de Grão Vasco.

Devido aos trabalhos de investigação de eruditos portugueses, como sejam os falecidos escritores Sousa Viterbo e general Brito Rebelo e ainda o professor e arqueologo dr. Maximiano de Aragão, que estudou, embora incompletamente, o vastissimo e precioso arquivo da Catedral de Viseu, são hoje conhecidos documentos, pelos quais se prova a identidade de Vasco Fernandes; a sua identificação como autor do quadro de «S. Pedro»; a existencia da escola de pintura primitiva portuguesa em Viseu, na primeira metade do seculo XVI, e, finalmente, que Vasco Fernandes visitou, se é que não frequentou, a oficina de Jorge Afonso de Lisboa.

Do tômo do arquivo da Sé de Viseu consta que desde 1512 até 13 de setembro de 1541 Vasco Fernandes, pintor, foi enfiteuta e o Cabido da Sé de Viseu directo senhorio de uma casa sita na rua da Rigueira da mesma cidade, sobre que recaia o foro anual de 60 réis e dois capões; e que o recibo do foro, com data de 13 de setembro de 1543, já é passado em nome de Joana Rodrigues, acrescentando «mulher que foi do dito Vasco Fernandes.»

Os quadros da Sé de Viseu devem justamente ter sido pintados naquele periodo de tempo que decorre de 1512 a 1540.

Há mesmo um pormenor no quadro de «Pentecostes» a atestar isso: E' a representação nesse quadro dos originais e caracteristicos *nós* da abobada da Sé de Viseu, que foi mandada fazer pelo bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, (de origem espanhola) e que foi concluida em 1513.

Portanto, êsse quadro só poderia ser pintado depois daquela data.

Em 1515, Vasco Fernandes, estando em Lisboa, serviu de testemunha de um titulo de emprazamento referente a Jorge Afonso, o que mostra bem as relações intimas que existiam entre os dois, assinando por esta forma: «Vasco Fernandes, pintor, morador em Viseu».

Por outro lado, D. João III encarrega Cristovão de Figueiredo, pintor da sua côrte, de ir a S. João de Tarouca ver e receber as obras que para lá fizera Gaspar Vaz, sendo incumbido de outras missões identicas em Viseu. Isto prova que, havendo uma escola ou oficina de pintura em Viseu, da qual faziam parte Vasco Fernandes, Gaspar Vaz, João Diniz e outros, os quadros de S. João de Tarouca foram pintados em Viseu. Daí mesmo a afinidade e semelhança entre muitas das figuras dos quadros de Viseu e das dos quadros de S. João de Tarouca. São, evidentemente, os mesmos individuos que pousam para diferentes quadros. Assim, é flagrante a semelhança entre a figura de manto vermelho que se destaca no primeiro plano do quadro do «Calvario» de Viseu e a figura de manto branco azulado que se vê no quadro da «Adoração» do poliptico da Virgem de S. João de Tarouca, da mão de Gaspar Vaz.

Finalmente, o documento encontrado pelo erudito investigador dr. Maximiano de Aragão no arquivo da Sé de Viseu e que aqui tenho reproduzido pela fotografia, mostra não só que o quadro de «S. Pedro» foi pintado pela mão de Vasco Fernandes, mas ainda que a êle cabe bem a designação de *Grande* e, portanto, será êle «Grão Vasco», por isso que nesse documento, escrito em 1607, o sinatario diz, depois de descrever o tratamento feito ao quadro, e o arranjo da capela em que êle ainda se encontrava, que lhe «pareceu ser êrro grande mandar fazer outra pintura que os pintores dêsse tempo confessam não se fará outra tão boa, tão perfeita e bem acabada».

ALMEIDA MOREIRA

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Saudades da "Garrett"

Paris! Cidade de fumo; cidade de cinza; cidade azul!...

Agua-forte de Lantrec, com legenda de Forain e aguada de Puvis!

Cidade de fumo; cidade de cinza; cidade azul!

A Tradição é uma patine que enobrece. Paris é uma cidade nobre porque está patinada por dentro e por fóra. 'Té o ceu, cézannesco, placa de zinco oxidado, com farrapos de velho vestido coçado no bulevar, com grandes varredelas do vento, pano de fundo de Zuloaga, tem a patine côr de chumbo, gris, defumada, azul de luar doente. Os zimborios dos monumentos pomposos, capacetes formidaveis da historia, têm a côr da poeira das fabricas, ainda que com laivos de oiro velho e indigo desbotado. São da côr da torre Eiffel, dos porticos da Nôtre-Dame, dos pateos sombrios, do Arco-do-Triunfo, dos olhos das «midinettes», do sonho de todos. Paris é a cidade da harmonia cinzenta, a terra dos tons frios, vestida de triste mas com o coração em chama. Tudo parece neurastenico mas tudo ama O unico monumento que se eleva ao ceu, risonho, claro e banhado de luz doirada, é o «Sacré-Coeur», o grande coração de Deus que vela noite e dia, no alto da montanha de além, todo o paganismo estouvado que escorre pelas avenidas e recantos desta enorme cidade de cinza e fumo, colossal forno crematorio onde todos nos queimamos pelo ideal, em holocausto ao amor. Paris é a Inquisição torturasa do nosso coração. Lutamos com os torquemadas do sonho, martirizamo-nos em sacrificio na fogueira da ambição, ciliciamo-nos com a paixão, choramos, sangramos, sofremos, mas erguemos sempre os olhos ao «Sacré-Coeur», cheios de fé, resando a Deus, porque é o unico monumento cujas cúpulas ainda não têm a côr dos sambenitos.

Paris! cidade de fumo; cidade de cinza, cidade azul! Aqui te deixo o meu coração, como um voto de reconhecimento pelo milagre que operaste revelando-me o amor e a fé, para que o guardes no seio do «Sacré-Coeur», emquanto vou ao meio país, ver as mulheres da «Garrett»...

D. de M.

Aviso á navegação

Os farois que se encontram acesos

Foi comunicado á navegação que se acenderam os farois do Campul, Mahem, Reis Magos, Verim, Mara-Tigo, Forte de Mar, Couraça, Forte de Sibor e Forte da Barra, na India.

JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA

— DE —

JULIO REI, L.DA

ex-empregado da JOALHARIA ABREU

Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia

30, Praça dos Restauradores, 31

(Palacio Foz)

Antiga Relojoaria Oliveira

UMA EXCURSÃO ARTISTICA

O ACTOR HENRIQUE D'ALBUQUERQUE FALA-NOS DA "TOURNÉE" REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

A PROVINCIA RECEBEU COM ADORAÇÃO A NOTAVEL ACTRIZ — UMA RECITA AO AR LIVRE NO SOLAR DO CONDE DE ARNOSO — O EXITO DA COMPANHIA NA FIGUEIRA

O verão está para os actores como o inverno está para os toureiros. Esta regra de três simples é por vezes composta de dissabores e amarguras — dissabores de camaradagem e amarguras de «caixa».

As «tournées» que empresarios improvisados organizam no pino do estio, empalmando a peso de escudos uma figura prateada da ribalta e acolhendo a preço de esmola uma duzia de satélites que vive nos palcos lisboetas de inverno pelo preço de um baratissimo almôço diario, são quasi sempre o «tiro» teatral que se dispara contra a provincia, supondo-a

Henrique de Albuquerque

sertão que espera de joelho em terra a chegada de um explorador civilizado...

Não serão assim constituidas as habituais «tournées» de verão?

Se pecador sou no conceito, que me atire a primeira pedra um dos nossos melhores comicos — o Silvestre Alegrim...

Contos largos eu teria a contar sobre os nucleos de artistas — relativamente artistas — que de julho a setembro partem para o Portugal desconhecido, arcando com trinta malas de guarda-roupa, trezentos atrazos de comboio, trinta casas «ás moscas» e quatrocentas faltas de talento...

As provincias descobriram Lisboa muito antes de nós termos descoberto as provincias. E porque o meu cerebro teimoso faz fé e arma barraca réclamo ás asserções que professa, não pode dizer-lhes «tout court» o que foi o seu abrir de bôca (a voz de quem escreve anda sempre arredia da laringe) quando Henrique de Albuquerque encontrado em ocasião de confidencias sinceras lhe disse, vibrando de entusiasmo:

— Na minha vida de actor nunca assisti a uma consagração pelo paiz além como a que foi feita a Amelia Rey-Colaço!

Senti a sua sinceridade. De resto, uma «tournée» organizada com verdadeiros valores da scena portuguesa — caso quasi unico nas «marés vivas» do teatro português — impossivelmente deixaria de conquistar louros merecidos.

Comparei a opinião do Laurentino, o habil maquinista de S. Carlos, que acompanhou a «tournée», dias antes ouvida, com a de Henrique de Albuquerque. Era a mesma.

Simplesmente êle definiu-a mais pitorescamente:

— Aquilo foi um desabar de palmas!

E emquanto fazia «in mente» juizo do sucesso, Henrique de Albuquerque sempre sincero, uma franqueza convincente na voz, uma comoção de artista que se dá todo á sua arte, foi-me contando:

— Em Santarem deviamos dar três recitas. Pois bem: tivemos de cumprir sete, a pedido do publico. Na Figueira da Foz, onde, segundo o programa da «tournée», deveriamos dar cinco espectaculos, fomos forçados por pedidos de várias comissões de banhistas, a representar mais quatro noites, havendo até quem se responsabilizasse pela permanencia da companhia naquela encantadora praia durante um mês.

— E não se realizou uma recita de homenagem a Amelia Rey Colaço?

— Realizou. Por sinal que á minha ilustre colega foi feita uma manifestação de apreço absolutamente indescriptivel.

— O que representaram nessa noite?

— O primeiro e terceiro actos da «Castro», «Sangre gorda», em andaluz, interpretado por Amelia Rey Colaço, que tambem deliciou o publico com os «cantares galegos» e um acto de variedades em que tomaram parte, entre outros artistas, Robles Monteiro, Vital dos Santos e Ofelia Brochado. Convidei José Ricardo a colaborar em tão deslumbrante festa, ao que êle gentilmente acedeu, tendo recitado duas poesias humoristicas de Eduardo Schwalbach.

— Quais as peças que mais agradaram na provincia?

— Todas. Não exagero asseverando que o triunfo da «tournée» Rey-Colaço-Robles Monteiro foi absoluto. Em todas as terras que percorremos, no final das representações, o palco ficava juncado de flôres e os aplausos prolongavam-se de modo invulgar.

E Henrique de Albuquerque, sentindo ainda a comoção de todos os triunfos obtidos, afirmou:

— Creia que Amelia Rey Colaço foi tratada por esse paiz fora com a adoração que o seu talento merece!

— E quais foram as peças que representaram mais vezes?

— «Marianela» e «Entre giestas». Representámos, uma unica vez, a instantes pedidos, na Figueira da Foz, os «Sedutores», de Vasco de Mendonça Alves. Claro que, com as demoras extraordinarias a que o publico nos forçava, deixámos de dar espectaculos em Gouveia, Covilhã, Fundão e Castelo Branco. De todas estas terras recebemos telegramas lamentando a nossa falta e pedindo-nos que as não esquecessemos na proxima época. No ultimo espectaculo que efectivámos em Vila do Conde, três comissões cumprimentaram Amelia Rey Colaço, oferecendo-lhe valiosissimos brindes regionais.

— E o espectaculo no solar dos condes de Arnoso?

— Uma maravilha, uma inegualavel festa de arte. O solar fica no sopé da Serra, em Sameice. Chama-se quinta da Boa-Vista. Representámos ali, ao ar livre, num artistico palco armado por Mergulhão, dois actos da «Castro». Antes da representação, Manuel da Silva Gayo e Eugenio de Castro fizeram duas magnificas conferencias. Não menos brilhante foi a recita realizada na assembleia da Granja, a convite do conde de Burnay. Interpretámos o «Sonho de uma noite de Agosto», encarregando-se de um dos papeis o major Cristovão Aires.

O distinto actor Henrique Alves referiu-se ainda a várias peripecias da «tournée», entre as quais uma furiosa tempestade que surpreendeu os artistas em plena serra, entre Ceia e o Fundão.

E a seguir:

— Ah! Não esqueça, por favor, este pormenor: quando passámos em Santar, foi-nos oferecido um pequeno almôço, na sua encantadora vivenda, pelos srs. D. Pedro Paulo José de Melo e D. Antonio José de Melo. Em todas as terras percorridas nos convidaram para almoços, jantares, chás, festas intimas, um nunca acabar... A «tournée» Rey-Colaço-Robles mal chegou para as encomendas... Acabámos a nossa excursão fatigadissimos. Mas tão satisfeitos com as inumeras provas de carinho recebidas que, se fosse necessario, recomeçariamos ámanhã, fazendo gostosamente da fraqueza fôrça...

Durante o tornejar da nossa palestra, Henrique de Albuquerque, quasi nada falou de si. Amelia, Robles, Robles, Amelia... O seu entusiasmo foi todo para os dois talentosos artistas, que são tambem seus queridos amigos. E porque Henrique de Albuquerque usou de tão grande modestia, indispensavel se torna que eu feche esta entrevista ligeira, afirmando pela bôca de Robles Monteiro:

— Henrique de Albuquerque foi o mais precioso e distinto colaborador da nossa «tournée».

S. D.

Notas Mundanas

Diplomatas

Partiu para Madrid o novo adido militar á legação da America em Lisboa.

Festas de caridade

Sabado, se o tempo o permitir, inaugura-se, no parque dos senhores duques de Palmela, a festa de caridade que tanto interesse está despertando entre o nosso meio elegante.

Como já dissemos, as festas de sabado constam de recita, quadros vivos, diversas tombolas, barracas de sorte, bebidas, tiro, argolas, etc. e no domingo, de tarde, repete-se o mesmo programa e mais o «tea», igualmente servido por senhoras.

Os preços de entrada são 5$ no sabado e 1$ e $50 no domingo.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Almedina e D. Maria da Pureza de Melo (S. Lourenço).

E o sr.:

Condes de Penalva de Alva e de Caminha, D. José da Camara Leme, dr. Taborda de Magalhães e Americo Ferreira dos Santos Silva.

Casamentos

Realiza-se ns proximo dia 22 de Outubro, na igreja dos Martires, pelas 13 horas o casamento da sr.ª D. Aurora Maria de Sousa com o sr. Manuel Moreira Rato.

Em viagem

Encontram-se em Sintra os srs. viscondes de Porto da Cruz.

—E' esperado brevemente em Cascais o sr. Jorge de Mendonça.

—Com sua esposa, chegou ao Estoril o sr. Augusto Borges.

Chegou de Vista Alegre o sr. Ricardo Ferreira Pinto Basto.

Com sua esposa regressa brevemente ao Porto o sr. Alvaro de Paiva.

—Partiu para o estrangeiro, o sr. dr. João Henrique Ulrich.

—Encontra-se na Foz do Douro, com sua gentil filha, a sr.ª D. Julia da Cruz Guimarães.

—Partiu para o estrangeiro o sr. dr. Gustavo Ramos.

O novo regulamento das casas de hospedes

Vão ser rogulados os extraordinarios

O regulamento, referente a hoteis, pensões e casas de hospedes que o sr. governador civil apresentou ao sr. Antonio Granjo tem já um ano de existencia. O sr. Lelo Portela logo que o redigiu entregou-o ao sr. Liberato Pinto, que era então presidente do ministerio. Este enviou-o para o Porto onde se perdeu. O regulamento que não permite que o aluguer dos quartos seja superior ao das rendas das casas, não legisla sobre o preço das comidas mas sim dos extraordinarios.

Extraordinarios, que tão extraordinariamente, aumentam aí por esses restaurantes, que são sempre superiores ao preço dos almoços e dos jantares que lhe servem de base.

A CIDADE

Pela Enseada Azul

CASCAIS-LISBOA

A bicha do comboio larga de Cascais a menear-se prazenteira, como quem gosta de sentir-se acariciado pelas maciezas do sol de Setembro.

Ao longo da praia dos três Estoris vai decorrendo agora todo o cerimonial deste rito pagão, em que as coribantes entram no templo do velho deus das aguas, a receberem nas carnes quentes os beijos frescos das nereidas.

Há grupos sob os toldos, crianças nuas pinchando á boca das ondas, mirones espreitando as formas das banhistas que entram e saem do mar...

As carruagens vão-se enchendo a cada paragem, e os Estoris são os que maior contingentes fornecem, especialmente de politicos e burguezes novos-ricos, por forma que seria prolixidade e estopada citar aqui os deputados, altos funcionarios e financeiros que ora se estão disputando com presteza os melhores lugares. Fica-me fronteiro o ex-ministro e diplomata sr. Augusto Vasconcelos.

Pelas rochas que afloram das aguas, vê-se em baixo a petizada arrancando mexilhão ou estendendo o camaroeiro á espuma da ressaca.

Um sol de claridades benignas sobredoira o scenario da baía. E percebe-se que o mar estremece de voluptuarios requebros, recebendo no seu tálamo os peregrinos segredos das virgens que vão pedir-lhe o tonico de mil beijos.

Pelas praias do mundo inteiro, na America e na Australia, no Baltico e no Mediterraneo, quantos milhões de nupcias tu não realisas diariamente, Oceano, meu velho satiro de longas barbas glaucas!...

A carruagem parece agora um gabinete de leitura, ornais em quasi todas as mãos, e duas senhoras inglesas lendo romances. Perto de mim, uma miss vae deliciando-se nas poesias de Keats, o pobre Keats que uma tisica matou em plena mocidade, debaixo do ceu d'Italia. De certo é uma sonhadora esta rapariga inglesa, com muitas illuções ainda vivas na cabecita d'oiro, e algumas já mortas no peito, ao contacto da fria realidade... Tem talvez uma historia interessante, a pobre Miss...

Um grupo de senhoras conversa animadamente sobre a festa de caridade que a sr.ª duquesa de Palmela promove para hoje e ámanhã nos seus jardins de Cascais. E' uma bela maneira de transferir algumas quantias do bolso dos argentarios para as mãos dos pobresinhos, esta das festas em sociedade, sem o que muitas «bancarias» continuariam aferrolhadas sem virem tão cedo espanejar-se á luz do sol.

Cae Agua. Anda ali, em plena scenografia atlantica, a construir-se uma fabrica, e dentro em pouco as suas altas chaminés mancharão de fumarada o purissimo azul dos horisontes. E' um atentado de lesa-naturesa esta audacia do progresso fuliginoso a invadir os dominios calmos da divina paisagem. Aqui lavro o meu protesto.

Oeiras. Vai atingindo a reflecção o bojo da grande bicha do comboio. Cachos de gente se atropelam subindo as varandas. Entra o ex-ministro da guerra, sr. Alberto Silveira, e logo adeante, em Santo Amaro, o ex-presidente de governo, Tamagnini Barbosa.

O brouáhá da palestra atinge agora o frenesi da balburdia. A mór parte pôs de banda os jornais.

Alguns deputados discutem os cincoenta milhões, o *habeas corpus*, os duodecimos, e outros graves temas de que não percebem um chavo, valha a verdade. Um grupo barafusta sobre o caso Liberato, falha de revoluções, do julgamento de Pedroso Lima, e parece concluir que os ares se turvam.

De facto, o dia. que amanhecêra de rosto desanuviado, começa agora a acarvoar-se sensivelmente. Vamos ter uma tarde de chuva, provavel.

Num valado, proximo de Paço de Arcos, cujos arredores parecem uma extensa pedreira, um burro olha atentamente a locomotiva que passa á desfilada, e fica talvez considerando nas maravilhas do progresso, na civilização, nas voltas que o mundo dá.

Aquem do Dafundo, no viso do cêrro, a quinta da Boa-Viagem. Lá negrejam ainda os fundamentos do velho convento de onde os frades, em acenos bondosos, costumavam saudar as naus que vogavam para as Indias, desejando-lhes «bôa viagem», emquanto ficavam rezando por todos os que andam sobre as aguas do mar...

Cais de Sodré. Já chovisca; e como a vida é feita de contrastes, depois do banho do mar, entremos no banho da lama de Lisboa.

A.

Ordem publica?

O comandante da G. N. R. conferencia com o ministro da guerra

O sr. general Bernardo de Faria, comandante geral da guarda republicana, conferenciou hoje com o sr. ministro da Guerra.

A OBRA DA MODERNA GERAÇÃO

O ARQUITECTO JOSÉ PACHECO RESPONDE AO ESCULTOR SIMÕES D'ALMEIDA (SOBRINHO)

O QUE OS ARTISTAS NOVOS QUE PRETENDEM ENTRAR NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES TEEM REALIZADO EM TODOS OS CAMPOS ARTISTICOS

A entrada de uma centena de novos socios para a Sociedade Nacional de Belas Artes tem produzido no nosso meio intelectual a mais acalorada discussão. Há dias o escultor Francisco Santos numa entrevista que concedeu a um jornalista, de *A Epoca*, declarou que a entrada dos moços artistas não era caso para que os socios já existentes temessem uma absorção.

Há dias, porém, outro escultor, o sr. Simões de Almeida (sobrinho) noutra entrevista, teve frases um tanto duras para os novos agremiados.

Por essa razão procurámos hoje o sr. José Pacheco, apontado *leader* do chamado grupo dos novos e preguntámos-lhe: Que diz V. Ex.ª á forma como estão sendo recebidos os recentes socios pelos socios já existentes?

—Mas meu caro, o que o sr. Simões de Almeida (sobrinho) afirmou tem tanto valor como coisa alguma! H, no entanto, um facto que necessito frisar: Nenhum dos socios agora propostos hostilisou ou pretendeu hostilisar por qualquer fórma, os socios já existentes. Pois, meu caro, sem nós fazermos nada, todos os dias aparecem artigos, entrevistas, o demonio; dizendo que nós somos bolchevistas; que vamos deitar bombas de dinamite na Sociedade e por ultimo o sr. Simões (sobrinho) chamando-nos imbecis e permitindo-se alcunhar-nos de sem moral artistica, esquecendo-se de que tambem pode haver alguem que não encontre moral alguma nas suas obras!...

—O quê?!... Simões de Almeida tem uma obra.

—Eil-la: a estatua *Madrugada* que está no jardim da Estrela é uma copia duma esculptura alemã, como se prova por uma fotografia existente; a *Virgem* não é original. é um arremedo da *Faviola* de H. Ener...

—Basta!

—Ainda não ! O *Infante de Sagres*, demonstrou-o Braz Burity nos *Burros* não é dele, e o *Chá* é a copia dum desenho existente no Louvre.

—Basta! repetimos.

—Ainda não! replicou outra vez José Pacheco.

—As *Virgens chorando a morte de Ignez de Castro*, fomos encontrá-las eu e o escultor Francisco Franco, numa exposição do Museu Galliera, em 1911 e o desenho da figura da Republica, que anda ahi nas estampilhas, foi copiado dum catalogo de «Salon»...

—Voltemos ao assunto. A que atribue a atitude do sr. Simões?

—Ao medo! Sim meu amigo, ao medo! O sr. Simões (sobrinho) viu que emquanto a Sociedade Nacional esteve nas suas mãos, nada fez, nada conseguiu, e temendo a nossa mocidade, receia que a Sociedade Nacional de Belas Artes passe a ser um facto e um meio de tornar conhecidos do publico os nomes dos mestres Columbano, Malhoa e Carlos Reis, tarefa que o sr. Simões (sobrinho) nunca conseguiu.

—E' a eterna guerra dos velhos e novos...

—Não, meu amigo! Não há tal guerra! Nós entramos de peito aberto, prontos a uma fraternidade ampla.

—Mas afirma-se que as ideias reformistas que V. Ex.as vão levar á Sociedade, já lá estavam estudadas!

—Completamente de acordo, mas como estão apenas estudadas, nós vamos executá-las, nada mais!

—Sem o auxilio dos artistas consagrados?

—Com a ajuda de todos! E já agora deixe-me dizer-lhe. Aponta-se que não temos obra, o sr. Simões (sobrinho) diz por exemplo, que não temos nada. Ao acaso citar-lhe-hei por exemplo: Francisco Smith, pintor que fez três exposições individuais na galeria Devenbez e criticado favoravelmente por Henry Bataille e Pierre Mortier, Ernesto Canto, escultor, discipulo laureado de Julio Antonio e Bordaille, e que vendeu todos os trabalhos que expoz na Suissa, Paris e Madrid, sendo para vincar o facto de uma revista americana lhe ter dedicado um numero completo, coisa que não acontece a muitos dos nossos artistas consagrados!

—Efectivamente.

—Mas há mais! O pintor Manuel Jardim, admitido ao «salon» de 1911 e que obteve uma critica magnifica, Rui Coelho, compositor consagrado em Berlim e Paris, com criticas de Vincent d'Indy, Paule Dukas, Ravel e Raul Lino, arquitecto, um dos raros artistas que tem feito obras de verdadeira arte entre nós, Alfredo Cortes, autor dramatico distintissimo; Almada Negreiros, poeta e pintor da elite intelectual de Barbusse, Ravel e Canudo; Francisco Franco, discipulo de Simões de Almeida (tio) autor de varios monumentos na ilha da Madeira; Alberto Monsaraz poeta e director de um jornal; Diogo de Macedo, escultor que fez exposições individuais em Espanha e França; Antonio Ferro, jornalista; Lebre e Lima, jurisconsulto, primeiro secretario da embaixada portuguesa no Brasil, Veiga Simões, literato e nosso ministro em Viena d'Austria; Alexandre Rey Colaço, pianista distintissimo que fez varios concertos em Berlim; Amelia Rey Colaço, a genial actriz que Lisboa tem admirado, e todos nós artistas, pintores, poetas, jornalistas e artistas dramaticos!

—Mas não será a má vontade dos consagrados derivada da variedade dos novos socios?

—Meu caro, para nós a arte é uma, embora com fases diversas! A dentro da Sociedade Nacional de Belas Artes cabem todas as manifestações artisticas!

—Concordamos!

—E agora responda o publico ao sr. Simões (sobrinho) preguntando-lhe se os nomes que lhe acabo de mencionar não têm autoridade moral para serem socios da Sociedade Nacional de Belas Artes!

«Não queriamos abrir discussões; ilumino-nos e ilumina-nos ainda uma leal e franca amizade por todos os socios antigos, mas você repare em quem abriu a campanha e lançou sobre nós o baladio da disputa!

—Francisco Santos tratou-os...

—Como amigo! A mim me disse o escultor que estava inteiramente de acordo comnosco na reforma da Sociedade e que iria para onde fossemos! Já vê pois que se alguns dos socios nos tratam mal, alguns outros têm abraçado a nossa ideia.

—E era de todo justo, que unindo-se novos e velhos fizessem bom trabalho!

—E havemos de o fazer custe o que custar ainda que seja preciso convencer o sr. Simões (sobrinho) a ingressar no nosso grupo.. como espectador!

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

OS TEATROS

Intrigas de bastidores

Estão já oficialmente desmentidos os boatos sobre a organização dos elencos *dos teatros de Lisboa*

Ainda bem. Assim parece que poderemos aplaudir Angela Pinto ou Palmira Bastos no teatro Nacional onde serão recebidas, se o desejarem, com todas as honras e demonstrações de leal camaradagem.

Carlos Santos não terá necessidade de partir para o Brasil, seguindo para o Porto com a companhia Palmira Bastos, visto que a reclamação do seu ordenado está perfeitamente em regra com a categoria dos outros artistas.

Quanto aos cartazes de elencos *por ordem alfabetica vão ser brevemente substituidos por outros em que figurarão os artistas por ordem de seu merito.*

Ainda a proposito do caso Ilda Stichini recebemos a seguinte carta do sr. Luis Galhardo, administrador do teatro Nacional:

Sr. redactor: Na carta que tive ontem a honra de dirigir a v. refutava duma maneira geral, mas absolutamente categorica, a hipotese de se terem movido quaisquer influencias contra a entrada no teatro Nacional das ilustres artistas Angela Pinto e Palmira Bastos.

Hoje, dando por findo o incidente, venho declarar-lhe que nunca a distinta actriz Ilda Stichini me manifestou, por qualquer forma, directa ou indirecta, o seu desejo de sair daquele teatro, no caso de ali ingressar a sua insigne colega Palmira Basto .

Pelo contrario e em face do boato ante ontem reproduzido pelo «Diario de Lisboa», a mesma actriz procurou-me para indignadamente me afirmar que nunca fizera a declaração que se lhe atribuia.

Foi essa até a unica razão que me levou a escrever as cartas de ontem e hoje a V. —Com a maior consideração, de V. etc., Luís Galhardo, *administrador do Teatro Nacional.*

Atraz do repostelro

A reclamação que, como dissémos, ha dias, vai ser entregue por intermedio da A. C. T. T. ao ministro da instrução, sobre a nomeação do scenografo Augusto Pina para o cargo de director tecnico do teatro Nacional é, segundo nos consta, um documento juridicamente bem ridigido e baseia-se em seis artigos da reforma daquele teatro e em quatro disposições do regulamento teatral.

—A revista que o nosso brilhante colaborador sr. Antonio Carneiro entregou á empresa Otelo de Carvalho e que deve subir brevemente á scena no Salão Foz intitula-se «P A Pá Santa Justa», tem dois actos e varios quadros. Os do primeiro acto são: «No campo da Fantasia», «Uma questão de côres», «Little Palace» e «Um logar comum». O «compére» terá o nome de «Amigo Banana».

—O ilustre actor Henrique Alves, que brevemente faz a sua festa artistica no teatro S. Luís fará representar em recita unica o quadro da comedia da revista «Maré de rosas».

—O jornalista José Sarmento está traduzindo uma peça que será representada no teatro Nacional.

—Parece que vai repousar durante algum tempo, por conselho medico, a actriz Ema de Oliveira.

—«Miss Diabo», a opereta dos escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, será brevemente representada em Barcelona, traduzida por Fernando Barango-Solis e Reynaldo Ferreira.

—Os preços dos logares no Salão Foz, durante a exploração da companhia Otelo de Carvalho, serão acessiveis ás mais modestas bolsas.

—Henrique Santana, homem de teatro dos mais considerados, realiza depois de ámanhã, no S. Luís, a sua festa artistica, que dedica aos jornalistas portugueses. Representa-se o 2.º acto da revista «De capote e lenço», cantando Adelina Fernandes o «Fado do ciume», e o quadro da Boa Hora da revista «Maré de Rosas».

Henrique Alves fará uma conferencia humoristica sob o têma «Como se faz um jornal». Haverá um interessante acto de variedades.

Tomam parte, por deferencia, na festa de Henrique Santana: Adelina Fernandes, Deolinda de Macedo, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Fernandes Pereira, Luís Bravo, Vasco Santana, Wenceslau Pinto, e os artistas da companhia Laura Costa, Maria Soler, Henrique Alves, Joaquim Costa e Antonio Gomes.

Reclames

A festa de Joaquim Costa

O programa da festa do grande actor Joaquim Costa que hoje se realiza no teatro S. Luiz é deveras atraente. Nascimento Fernandes, por amavel deferencia para com o seu colega, tomará parte no espectaculo desempenhando, assim com o festejado o papel de «Cabo Elisio», exibindo-se, portanto, na revista «De capote e lenço» duas dessas personagens. Joaquim Costa estreará o monologo «Sete mulheres e meia», que nos afirmam ter muita graça e que é original do sr. Eduardo Pacheco.

POLITEAMA—Até ao fim do mês devem efectuar-se os espetaculos com a lindissima opereta portuguêsa «O João Ratão».

EDEN—Elisa Santos, a azougada «divette», obteve ontem mais um triunfo na revista «Tic-Tac».

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
Do Prof WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett 1.º

Exposição de artigos do oriente
69, Rua Nova do Almada, 1.º
Telef. C. 3190

LUDOVICE, LIMITADA
Rua da Madalena 36, 2.º
TEL. C. 3379
Secção fiscal
Contribuições
Serviços fiscais
e Administrativos

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A' PRIX ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

JOSÉ TEIXEIRA
68, Rua Serpa Pinto, 70
CHIADO
Propriedades
Trespasses
Hipotecas
Leilões
e
Materiais de construção
REFERENCIAS BANCARIAS

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

PROVINCIAS

Em Murtosa

Comicio

Murtosa, 19

Como noticiei, realizou-se ontem o comicio de propaganda eleitoral. A assistencia era numerosa e os oradores foram muito aplaudidos, salientando-se pelos seus brilhantes discursos os srs. drs. Egas Moniz, Tavares da Silva, Tavares Afonso e Barbosa de Magalhães.

Além destes, usaram da palavra os srs. drs. Costa Ferreira, Nordeste, João de Almeida Maia e Silva, que abriu o comicio, Lopes da Cunha e o professor Miguel Portugal.

Os candidatos da lista regionalista, srs. Manuel Alegre, Jaime Silva e H. Cristo, que se propunham vir defender o seu programa, resolveram ultimamente faltar, fazendo distribuir um manifesto explicando as razões que os levaram a tomar aquela resolução.

Em Obidos

Um assalto

Obidos, 19

Ha tempos entraram no palacete pertencente ás filhas do falecido major sr. Victorio Pereira umas cabras pertencentes a Maria Gertrudes, com hotel nesta vila as quais ali fizeram alguns estrago. Feita queixa na administração deste concelho, foi comunicado á guarda republicana para esta proceder de harmonia com o codigo de posturas. Ali foram dois guardas que presenceiaram tudo, mas fingiram que aplicavam a multa.

Em Cantanhede

Um hidro-avião

Cantanhede, 20

Desceu ha dias na pitoresca barrinha da praia de Mira um hidro-avião com o n.º 13, seguindo depois na direcção do sul.

A Senhora de Febres

Realizou-se com desusado brilho nos dias 10, 11 e 12 a tradicional festa da Nossa Senhora de Febres, a que concorreu a conhecida banda de Santana, bem como um vistoso rancho de tricanas desta vila, habilmente ensaiadas pelo sr. Carvalheira e Costa. De noite qneimou-se imenso fogo.

Um furto

Furtaram ha dias ao sr. Aquiles Corujeira, digno contador-ajudante nesta comarca, uma magnifica espingarda Francot avaliada em perto de mil escudos.

A festa dos Remedios

Em Lamego, onde foram assistir ás pomposas festas dos Remedios, encontram-se os srs. Antonio Filipe de Gouveia Castelo Branco e Souto Junior, respectivamente bemquisto capitalista na capital e escrivão de direito da 5.ª vara civel.

A chuva

A pouca chuva que hoje caiu beneficiou muito a agricultura, matando a sede á maior parte das pessoas que lutavam com falta de agua por ha muito tempo lhe terem secado os poços, pois não ha memoria de tão grande seca.

Dr. João Pessoa

Parte brevemente para o Bié (Africa), acompanhado de sua esposa, o sr. dr. João Pessoa, medico que aqui gosa de inumeras simpatias, bem como na praia de Mira.

As vindimas

Já principiaram as vindimas deste concelho, sendo a colheita muito superior á do ano passado.

Em Anadia

As obras do novo hospital

Anadia, 19

A expensas da ilustre eb enemerita familia Seabra de Castro a quem os pobres desta vila tantos beneficios devem já, vão ser concluidas as obras do novo hospital.

Informam-nos que a inauguração se fará em 14 de Dezembro de 1922, data em que se festejava o aniversario natalicio do sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Um assalto

..a dias, em Paredes do Bairro, foi assaltada a casa do sr. Manuel Nunes Santiago, roubando-lhe os gatunos algum dinheiro, vestuario e objectos de ouro.

Já foi preso José Hilario, gatuno conhecido, que há meses fugiu da cadeia desta vila e que é o autor do roubo.

Em Farminhão

A chuva

Farminhão, 17

Depois de uma longa estiagem, visitou-nos hoje a chuva, estando um dia de rigoroso inverno o que muito beneficia a agricultura.

Falecimento

Faleceu hoje o grande proprietario do Real, desta freguezia, Antonio Joaquim Correia de Oliveira.

As vindimas

Começou a faina das vindimas, cuja colheita é abundante.

Em Fozcôa

Junta de inspecção

Fozcôa, 20

Chegou a junta de inspecção aos mancebos recenseados este ano por este concelho e para revista aos reservistas, composta do tenante-coronel Rica major-medico Joaquim Ferraz e tenente Figueiredo.

As chuvas

As chuvas sempre nos vieram visitar, vindo alegrar os lavradores pelos grandes beneficios que lhes trazem; já se fizeram algumas vindimas e pela semana proxima devem fazer-se as restantes. Ainda não apareceu por aqui um unico comprador de vinhos, tendo os lavradores de deixar todos os vinhos sem consumo.

A apanha da amendoa

Acabou a apanha da amendoa; ha bastantes compradores, regulando o preço do miolo a 32 e 33 escudos os 15 quilos, havendo tendencias para alta.

José Geraldo

Segue ámanhã viagem para o Rio de Janeiro o sr. José Geraldo, importante industrial naquela cidade, e familia.

Senhora da Velga

Realizou-se no dia 11 a festividade á Senhora da Veiga, na ermida junto ao rio Douro, no Pocinho; foi pouco concorrida, não havendo alteração da ordem.

DIA RELIGIOSO

ÁMANHÃ, 23:

Temporas e jejum. Reza-se de S. Lino P. M. «simplêx», paramentos vermelhos na missa, 2.ª oração e ultima ao Evangelho féria, ou missa féria, côr rôxa sem gloria, 2.º oração e festa, 3.ª oração a S. Tecl, sem credo e prefacio, «lõis e in fin Ben Dño.

«Lausperene» na igreja das Chagas de Cristo.

Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

Chagas de Cristo, ás 9 horas, missa da Paz; ás 19 horas, terços bemditos por musica.

Ficis de Deus, ás 9 horas, missa; ás 20, terços e benção.

—Exposição da imagem do Senhor Jesus dos Passos nas igrejas do costume.

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções.
Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

JOSÉ AUGUSTO DIAS, F.º & C.ª
BANQUEIROS
Agencia de Lisboa
Mudam as suas instalações em 30 do corrente para a
Rua Augusta, 89 a 95

SERRALHERIA - FUNDIÇÃO — MECANICA — ELETRICIDADE
F. STREET & C.º L.TD LISBOA PORTO
Maquinas Agricolas ENGENHEIROS Machines Industrielles
R. POÇO DOS NEGROS - R. DE S. BENTO LISBOA TELEGRAMAS: "ELECTRO"

Santos Amaral, Limitada
IMPORTADORES-EXPORTADORES
Escritorios:
RUA DE S. JULIÃO, 100
Armazem de vendas
RUA DA PALMA, 225-229
Oficina Eletrotecnica
RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.
Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. L580-Armazem
SECÇÃO INDUSTRIAL
CONSERVAS DE PEIXE
Fabricas em:
Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche
Secção de Importação e Exportação
Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho italiano
SECÇÃO TECNICA
Maquinas e acessorios para todas as Industrias
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.
Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas
Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores
Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.
Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

Escola Academica
A mais antiga e frequentada escola particular do país
Calçada do Duque, 20
LISBOA
Telefone 619 Teleg. ACADEMICA
Classes infantis regidas por mestras portuguesas e estrangeiras, admissão aos liceus e curso dos liceus. CURSO COMERCIAL em 4 anos, modelarmente organizad e de brilhantes e comprovados resultado praticos. Recebe alunos internos, semi-internos e externos, ministrando-lhes, a par dos maiores confortos, solida instrução literaria e esmerada edução intelectual, moral, civica e fisica.
495 aprovações no ultimo ano lectivo
Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas com todas as condições de matricula.

NO ESTRANGEIRO

A ACTUAL SITUAÇÃO DA RUSSIA

O GOVERNO RUSSO RECUSARÁ O AUXILIO DA COMISSÃO INTERNACIONAL?

Dissolução do "comité" da Russia

OS SOLDADOS E OS MARINHEIROS SERÃO OS PRIMEIROS SOCORRIDOS, DIZ O GOVERNO

Parece que o governo russo recusará definitivamente o auxilio da comissão inter aliada presidida por Noulens, como recusou já o auxilio da Estonia. E' claro que esta recuso têm por motivo o receio duma acção politica, qualquer que ela seja, que os possa prejudicar. O «comité» de socorros russo foi dissolvido depois do governo tratar com Nausen a forma de prestar socorro ás populações famintas. Este dirigiu um apêlo á Inglaterra, a fim de que o auxiliasse na sua acção quanto pudesse, assegurando-lhe que o governo dos «soviets» havia prestado garantia de confiança.

A ordem de prestação de auxilio ás diversas classes, estabelecida pelo governo russo, é a seguinte:

1.º—Soldados do exercito e da marinha russa; 2.º—Operários e empregados das empresas sovietistas, dos caminhos de ferro e das sociedades de navegação; 3.º—Familias dos soldados e marinheiros, dos operários e empregados, impossibilitados de trabalhar; 4.º—Pessoas que estão a cargo do Estado, inválidos, etc.

Ao mesmo tempo que a distribuição dos viveres, segundo esta ordem, assegura a força do governo dos «soviets», prosseguem as negociações com o governo norueguez, que terão o alcance politico do reconhecimento do governo dos «soviets» por parte da Noruega. Uma nota do governo desta nação promete ao governo dos «soviets» que, no caso de as negociações serem apresentadas perante um juri norueguez, o ministro dos Negócios Estrangeiros apresentaria a esse juri, a uma das partes que o reclamasse, uma declaração pela qual era reconhecido na Russia, como governo *de facto*, o governo dos «soviets».

O governo norueguez aceita igualmente a condição de que os representantes russos na Noruega tomem o titulo de representantes plenipotenciários.

O representante da Russia na Suecia declarou, tambem, numa entrevista, que as mesmas condições devem ser aceitas por esta nação, sob pena de ruptura das actuais negociações.

Perante estes factos, não parece que os acontecimentos vão sendo muito desfavoraveis ao governo dos «soviets, tanto mais que foi desmentida a conspiração de Tagantsef, cujo rumôr foi espalhado com o fim de impressionar pelo terror.

A viagem do general Pershing

A sua chegada ao Havre

PARIS, 22.

O general Pershing foi recebido á sua chegada ao Havre pelo general Franchet d'Esperay delegado do governo e pelo vice-almirante Jaurés delegado do ministro da Marinha. O general Pershing chegou a esta cidade á tarde.—(R.).

DE BERLIM

A suspensão do jornal comunista "Freiheit"

BERLIM, 22.

As autoridades francesas nos territorios ocupados desaprovaram o decreto que suspendeu o jornal comunista «Freiheit», de Dusseldorf, permitindo a continuação da publicação dêsse orgão comunista. — (R.).

O "POST-GUERRA"

DECLARAÇÕES INTERESSANTISSIMAS DE UM ALEMÃO QUE VIVEU DEZ ANOS EM PARIS

OS ALEMÃES TINHAM UMA OPINIÃO ERRADA SOBRE O VALOR DO EXERCITO FRANCÊS

Um alemão que viveu dez anos em Paris antes da guerra, que foi soldado da grande guerra, e ocupou um lugar na administração das regiões devastadas, acaba de fazer declarações, interessantissimas ácerca do espirito alemão e do desconhecimento mutuo das duas nações que foi causa da guerra e pode ainda ser causa de novas lutas.

O exercito alemão em 1914 era esplendido; quando entrara em batalha a sua vitoria parecia indiscutivel; em novembro, porém, já o alemão cujas opiniões reproduzimos, entendia que a derrota era inevitavel, em virtude da propria estrutura do espirito alemão: um cuidado meticuloso pelo detalhe e pela minucia, assim como o grande apreço pela quantidade de trabalho, que lhe não deixa ver a totalidade do conjunto e a orientação das linhas gerais e a qualidade do esforço.

As falhas do exercito e da diplomacia eram perfeitamente analogas; derivavam duma serie de ideias sobre a França, elaboradas *á priori*, cuja veracidade se não importavam de verificar. Assim lutavam contra um inimigo de imaginação que não compreendiam nem conheciam. Baseavam todas as operações sobre a pseudo-leviandade e a pseudo-preguiça dos franceses; fundadas nelas trabalhavam com o maior vagar.

Da emulação entre os generais resultava que cada um deles se sentia mais feliz em fazer notar um erro de outro, do que em obter uma vantagem sobre o inimigo comum. A policia de guerra andava tão bem disfarçada que qualquer dizia: «Olha um policia secreto»! quando passava junto dum homem infalivelmente uniformizado em *apache* com uma boina e sapatos de verniz.

«Mentiram horrivelmente ao povo alemão, durante a guerra, e continuam a mentir-lhe com uma boa fé terrivel», diz o alemão.

O povo alemão ignora ainda quase toda a gravidade das devastações em França. Julga-se vitima da maldade dos vencedores.—Diz: A guerra havia de fazer-se em alguma parte; agora foi em França. Peor para eles!

Eu, continúa, entendo que esta guerra saiu barata á Alemanha, mesmo com tudo que tem de pagar.

Só pouco a pouco, e se se realizar um esforço nesse sentido, no interior e no exterior, com persistencia, é que o povo alemão chegará a compreender. Se o governo alemão tem interesse em aumentar ao povo alemão o desejo de pagar, deveria mandar tirar fitas das peores devastações, fazê-las correr; seriam para todos uma revelação que primeiro causaria espanto e depois provocaria a reflexão.»

O povo alemão desconhece o povo francês e reciprocamente. Seria preciso formar um agrupamento entre as duás nações, uma liga dos pais que combateram, que tivesse por fim desmentir, nas duas nações, com as provas na mão, todos os boatos e mentiras tendenciosas que desvirtuam o caracter dos dois povos, a fim de que os filhos não viessem a entrar numa guerra, provocada como a anterior, pela ignorancia mutua.

«Que se batam porque se odeiam, está bem; mas baterem-se contra um inimigo inventado do principio ao fim, é uma estupidez».

Em 1918 os dois exercitos começavam a conhecer-se pelo choque, e os soldados não eram amigos mas respeitavam-se. Os franceses que hoje se encontram na Alemanha e os alemães que se encontram em França reconhecem o esforço e o valor da nação inimiga, e estimam-na por isso.

Os franceses chamam *blague* á revolução alemã; comtudo, ela existiu espontanea e irresistivel; a falta de confiança e de auxilio que lhe prestaram tem sido a causa das dificuldades em que ela se tem debatido. Se a auxiliarem, ainda é tempo de a fazer frutificar.

Seria preciso fazer conhecer a verdade ás duas nações; ninguem se preocupa com isso, e as novas gerações exercem como as anteriores, na mesma atmosfera de cinismo que tem provocado as guerras entre a França e a Alemanha.

SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Robert Cecil trata da questão da America

Uma decisão da Assembleia

PARIS, 22.

Na reunião do Conselho da Sociedade das Nações, tratou-se da questão da Armenia, sendo relator dela o sr. Robert Cecil, que disse que a Sociedade se deve esforçar por regular a questão armenia evitando, contudo, dar esperanças exageradas aos desgraçados armenios. Zoka Eddevler, delegado persa, disse que a situação armenia provocada pela guerra entre turcos e gregos é dificil porque os turcos consideram os armenios como inimigos perigosos para a segurança do seu exercito. Zoka Eddevler julga que nada se poderá fazer pela Armenia emquanto durar o conflito greco-turco. O sr. Seferiades, delegado grego, chamou a atenção da assembleia para os terriveis massacres sofridos pela Armenia. A assembleia decidiu, de acordo com o que tinha resolvido o Conselho Supremo, que fôsse criada uma nacionalidade armenia livre.—(R.)

POLITICA FRANCESA

Briand discursará em Nantes e em Saint Nazaire

A imprensa anglo-americana

PARIS, 22.

O sr. Briand irá a Nantes e a Saint Nazaire nos dias 2 e 9 de Outubro, devendo pronunciar nesta ultima cidade um discurso politico.

O presidente do governo francês recebeu o sr. John Hell presidente da Associação da Imprensa anglo-americana de Paris, que o convidou para presidir ao proximo almoço desta organisação. O sr. Briand aceitou o convite, sendo fixada a festa para o dia 19.—(R.).

O trono servio

Um desmentido da imprensa

PARIS, 22.

Foi desmentida pela imprensa servia a noticia que correu nos jornais estrangeiros de que a questão da sucessão ao trono servio estava em litigio porque o principe Jorge pretendia ascender ao trono. O principe Jorge, o principe Arsenio irmão do rei Pedro e o principe Paulo, filho do principe Arsenio foram os primeiros a jurar fidelidade ao novo soberano. —(R.).

A CAMPANHA EM MARROCOS

QUAIS SERÃO OS CASTIGOS QUE DEVEM SER INFLIGIDOS AOS KALIFAS?

A opinião do coronel Riquelme

PARA SE OCUPAR DEFINITIVAMENTE MARROCOS SERIAM PRECISOS 500 MIL HOMENS

MADRID, 22.

O coronel Riquelme, entrevistado, disse ser de opinião que as kabilas rebeldes não devem sofrer todas castigos identicos. Kabilas há que se passaram para o inimigo porque, tendo as tropas espanholas abandonado os seus territorios, ficaram indefesas e viram-se obrigadas a bandear-se com o inimigo para não sofrerem duras represalias. Outras, depois de terem sido tratadas com toda a benevolencia pelos espanhois, portaram-se ferozmente contra familias indefesas de compatriotas nossos, e por esse motivo o seu castigo deve ser bem mais duro.

A Espanha deve seguir em Marrocos uma politica de protectorado. Para fazer uma ocupação efectiva necessitaria de 500 mil homens. — (U. P.).

E' atacado pelo inimigo um comboio de abastecimentos

MELILLA, 22. — Um comboio de abastecimentos que se dirigia a Tiza foi atacado pelo inimigo, repelindo-o e causando-lhe numerosas baixas. A canhoneira «Bonitas» protegeu as forças espanholas, fazendo violento fogo contra os atacantes.—(U. P.)

Os mouros são atacados á baioneta

MELILLA, 22.

Os mouros atacaram um comboio que se dirigia á posição de Ismooti.

A coluna do general Fresneda partiu em auxilio desse comboio, atacando os mouros á baioneta e pondo-os em debandada. — (U. P.).

As operações na região de Nador

MELILLA, 22.

Um numero extraordinario de habitantes desta praça foi visitar Nador. A engenharia continua activamente a fortificar as posições.

Foi extraida a bala que tinha ferido Millan Astray. A operação fez-se sem complicações. — (R.).

Um avanço de 10 quilometros

MADRID, 22.—Circulou nesta cidade o boato de que as tropas que estavam em Nador fizeram uma incursão avançando dez quilometros sem encontrar resistencia.

A noticia não está confirmada.—(U. P.)

E' ocupada a zona de Teffer

LARACHE 22.

O general Barrera visitou as posições de Nusder. O tenente coronel Carrasco ocupou a zona de Teffer, realizando uma operação brilhante derrotando as harcas de Bilseff e de Jomar.

Castigados duramente os aduares revoltosos, reina agora tranquilidade na região. — (U. P.).

NEURASTENIA
Hidroterapia—Electroterapia
ESTORIL—TERMAS

O caso dos 50 milhões

Os presos foram hoje enviados á Boa-Hora

Durante o dia de hoje não foram ouvidas testemunhas acêrca do caso dos 50 milhões de «dollars», só tendo o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação criminal, comparecido no seu gabinete, a hora adiantada da tarde, a fim de promover o envio dos presos ao poder judicial. Pouco depois da sua chegada, ás 15,45, os srs. Pedro de Araujo, Melo e Sousa, conde de Castro Guimarães e Alves Diniz, acompanhados de numerosos amigos e do agente Fonseca, seguiram para o tribunal da Boa-Hora, de automovel. Uma vez ali, esperaram no cartorio do escrivão Vidal, que o juis sr. dr. Julião Sarmento procedesse á analise do processo dos 50 milhões, que é bastante volumoso.

***

A' hora a que encerramos esta noticia, os inculpados, acompanhados de muitas pessoas de elevada categoria, continuam a aguardar a decisão judicial. No emtanto, tudo indica que serão afiançados em quantias bastante elevadas.

Além-mar

Uma nomeação de um 3.º oficial de fazenda que se mantem

Foi mantida a nomeação do sr. dr. Francisco Correia da Costa para o lugar de 2.º oficial da fazenda em S. Tomé, por ter sido negado o visto no diploma que o nomeou.

Comissão municipal de Quelimane

Foi concedida a exoneração á actual omissão municipal de Quelimane.

Pela instrução

Esclarecimentos sobre o regulamento de 11 de Dezembro de 1919

Esclarecendo duvidas ácerca do regulamento de 11 de dezembro de 1919, foi declarado que de futuro para efeitos de concurso, todos os serviços prestados pelos professores primarios, desde o momento que seja classificado de bom, se marque 1 valor por cada ano lectivo completo (9 meses) de serviço efectivo, com tolerancia de 1 mês, quer esse tempo tenha sido seguido, quer interpolado, e ainda prestado numa só ou mais escolas e mesmo que tenha sido em circulos e anos lectivos diferentes.

José de Figueiredo e Luís Keil

O director e o conservador do Museu de Arte Antiga são condecorados pelo Rei Alberto

O rei Alberto, da Belgica, agraciou o sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, com a comenda da Ordem da Corôa, o sr. Luiz Keil, conservador do mesmo museu, com o oficialato daquela ordem.

Contribuição industrial de 1921

Constituição dos gremios

Todos os individuos sujeitos a contribuição industrial, no corrente ano, devem comparecer na Camara Municipal de Lisboa, a fim de constituirem os gremios.

Dia 3 de outubro: das 11 ás 12 horas, as industrias da 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, e parte 2.ª e 3.ª da tabela B; das 12 ás 15, as industrias da 4.ª e 5.ª classes.

Dia 4: das 11 ás 13 horas, as industrias da 6.ª classe; das 13 ás 15, as da 7.ª classe.

Dia 6: das 11 ás 13 horas, as industrias da 8.ª classe; das 13 ás 15, as da 9.ª e 10.ª classes.

Quando os gremios não se constituirem nos dias indicados serão adiados por dois dias improrogaveis.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—Fechado.
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
AVENIDA—Eechado.
POLITEAMA—A's 21,15—«João Ratão».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
GIL VICENTE—A's 21—«A Martir».
COLISEU DOS RECREIOS—Fecha

OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
CHIADO TERRASSE—Fechado.

OS ACONTECIMENTOS DE MACAU

UM CONFLITO PESSOAL ENTRE CHINESES E MACAISTAS

Uma nota do ministerio das Colonias confirma a noticia que o "Diario de Lisboa" deu ante-ontem

Ha mortos e feridos

Chegaram hoje ao ministerio das Colonias informações pormenorizadas do caso ocorrido em Macau, a que nos temos referido.

Essas informações dizem o seguinte:

«Um escaler com oito chineses armados, passando pelo porto do interior que separa a peninsula de Macau da ilha da Lapa, desobedecem ás indicações da nossa policia maritima, e seguiu imediatamente para a ilha da Lapa, onde os tripulantes desembarcaram. Seguidamente muitos chinezes dessa ilha, entrincheirando-se atraz de pedras fizeram fogo contra uma lancha da nossa policia maritima, matando um «chauffeur» indigena e um guarda indigena, ferindo um guarda macaense e o primeiro artilheiro Joaquim Nunes, e atingindo ligeiramente um guarda indigena e outro artilheiro. A nossa força de policia maritima cujo procedimento o governador de Macau, informa ter sido muito corajoso respondeu com tiros de artilharia e metralhadoras, fazendo cessar o tiroteio dos chinezes. Os nossos feridos estão melhorando. O governo de Macau reclamou do governo de Cantão, reparação imediata e castigo dos criminosos, e tomou providencias para impedir a repetição do incidente. O governo da metropole, pelas vias diplomaticas está apoiando energicamente o protesto do governo de Macau e as reclamações por este apresentados.

A CAMPANHA EM MARROCOS

A acção da marinha de guerra

MADRID, 22.

Estiveram a despachar com o rei o sr. Maura e os ministros da guerra e marinha, informando este que as experiencias da aviação e as manobras dos submarinos tinham tido um resultado brilhante. O ministro da marinha fez o elogio da acção brilhante da armada, que tem cooperado nas vitórias marroquinas. — (R.).

O vapor "Isla Minorca"

LARACHE, 22.

Levantou ferro deste porto o navio «Isla Minorca», levando a bordo engenheiros, pontoneiros, pessoal sanitario e militares de outros corpos, que terminaram a sua licença. Tiveram uma afectuosa despedida. — (R.).

A tomada de Nador

MADRID, 22.

Nas ultimas operações para a tomada de Nador ficaram feridos dez tripulantes da esquadrilha que operava em Mar Chica. — (U. P.).

Prisão de um mouro

LARACHE, 22.

A guarda civil prendeu proximo de Lukus um mouro a quem encontrou dois trajes, um espanhol e outro hebreu, um punhal e uma carteira com instruções em arabe. — (U. P.).

DE BERLIM

O comandante da esquadra alemã e a questão do desarmamento

BERLIM, 22.

O comandante em chefe da esquadra alemã, almirante Scheer, numa entrevista que concedeu nesta cidade ao correspondente do «New York Herald», disse, falando ácerca da questão do desarmamento que actualmente preocupa a opinião mundial, que o problema já estava resolvido na Alemanha, mas que as suas vizinhas França e Polonia continuavam a manter exercitos formidaveis. O almirante Scheer mostrou-se partidario do sistema miliciano no exercito em proporção com a população dos paizes e da sua situação politica. — (R.).

Reunião da Associação dos Hoteleiros Internacionais

BERLIM, 22.

Reuniu em Hamburgo a assembleia anual da Associação dos Hoteleiros Internacionais. Estavam presentes 1.180 delegados, vindos de Praga, Stockolmo, Copenhague, Amsterdam, Helsingfors, Lucerna, Budapest e Viena. — (R.).

GOTA
Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS

Chegwin, Moura & C.ª L.da
CASA BANCARIA
103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1/2 0/0	5 0/0	6 0/0	7 0/0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral
Telegramas «TOM» Telefone Central 3033
103, RUA AUREA, 105

CARVÃO
CARDIFF das minas do almirantado
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
A' DESCARGA
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 5094
Londres—56, Ludgate Hill

Bolsa de Lisboa

Dia 22

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	45.30
» » 500$00	45.50
» » 100$00	45.50
Coup. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	—
4 0/0 1888	—
4 0/0 1890 coup	—
4 1/2 1888/89 ass.	—
4 1/2 1889 coup.	—
4 0/0 1909 coup.	—
4 1/2 1912 ouro	—
5 0/0 1917	—
3 0/0 externas 1.ª série	165.
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	140.
(cop.)	141.
» Comercial de Lisboa	270.50
» Economia Portuguesa	91.50
» Nacional Ultramarino (ass.)	218.
» » » (coup.)	237.
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	—
» Minho	240.50
» Português e Brasileiro	—
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	142.
C. Fosf. (coup.)	88.50
C. Tabacos Port. (coup.)	245.50
Portugal e Colonial	116.50
Cabinda	8.15
Buzi	48.
Ilha do Principe	205.
Moçambique	—
Zambezia (antiga	9.50
» (nova	—
Companhia do Boror	82.50
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	—
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	95.
União dos Proprietarios	—
Industrial Aliança	160.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	48$00	51$00
s/Londres cheque	6	5 3/4
» 90 d. v.	6 1/8	—
Rio s/Londres	8 1/4	—
s/ Paris	751	784
s/ Italia	446	466
s/ Belgica	750	780
s/ Suissa	1850	1930
s/ Espanha	1390	1450
s/ Berlim	160	105
s/ Holanda	3400	3500
s/ Nova York	10750	11200
Rio Brasil	700	680
T. Desc. Banco de Inglaterra	7	—
» » » » Portugal	7	—
Agio do ouro	800	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	28,71
» s/Londres	—
» s/New-York	—
» s/Berlim	7,45
Paris s/Londres	53,23
» s/Madrid	—
» s/Genebra	—
» s/Berlim	—
Londres s/Paris	53,20
» s/Roma	89,50
» s/New-York	371,8
» s/Berlim	40,35
Amsterdam	117,7
s/Genebra	21,60
s/Belgica	52,97
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

MALAS POSTAIS

Pelo "Ardeola" e pelo "Wangoni"

Amanhã são expedidas malas postais, pelo «Ardeola», para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, e pelo «Wangoni», para Las Palmas e Africa Ocidental, sendo a ultima tiragem da caixa geral respectivamente ás 9 e 12 horas e fechando ás 10 os registos para o segundo.

Merecem o premio dos "bem casados"...

Joaquina Simões Fonseca, residente na rua dos Ferreiros, 7, 4.º andar, queixon-se á policia de que seu marido, Julio Bernardo Fonseca, com quem ha muito não vive, aproveitou a sua ausencia para lhe entrar em casa, destruindo mobilia no valor de 2:500 escudos.